

EDITADO PELA IMPRENSA METHODISTA, RUA DA LIBERDADE, 117

ANNO I :::: N. 1
REVISTA MENSAL

São Paulo-Brasil, Janeiro, 1923

ASSIGNATURA
ANNUAL. . . 5\$000

Nosso Intuito

São hoje a lume o primeiro numero do "jornal para a infancia e a juventude". Com a publicação do mesmo temos em mira dois pontos principaes: primeiro, facilitar aos leitores leitura util, variada e interessante, estampando em nossas columnas tudo quanto ha de melhor até hoje escripto; segundo, e mais importante, cultivar nos

Concurso

Como vêem os leitores, o nosso jornal não tem nome: não foi ainda baptizado. Compete-lhes, portanto, escolher um, que calhe bem e que o defina. Para isso estabelecemos o presente concurso, que constará da escolha de nome para o jornal. Poderão entrar em concorrência todos os leitores até vinte e um annos de idade. Haverá um premio unico: uma assignatura annual gratis da revista, áquelle dos leitores que nos enviar o melhor titulo.

O concurso encerrar-se-ha no dia 15 de Janeiro.

mesmos o desejo de dar expressão e fórma ás suas idéas e sentimentos. E' este o intuito do nosso jor-

nal: estimular a mente e servir de vehiculo ás composições dos nossos amiguinhos. Nosso ardente voto

é, portanto, que o "jornal para a infancia e a juventude" seja para os leitores qual maravilhosa gruta de Aladino, donde, após o deliciarem-se com a vista de aureos pomos e magnificencias sem par, saíam vivificados para a

pratica do Bello e do Bem.

E teremos assim cumprido o nosso intuito.

A primeira Arvore de Natal

Ha um bonita legenda suissa, que conta datar a arvore de Natal do século nove, quando um certo Winfredo foi prégar o Christianismo ás gentes da Escandinavia e do norte da Allemanha.

Narra a legenda que, numa noite de Natal, estava o povo reunido debaixo de um grande carvalho afim de offerecer aos deuses um sacrificio humano, segundo os ritos druidicos, quando S. Winfredo apparece, e, derribando o carvalho, põe termo á realização do cruel rito dos druidas. E no mesmo instante, no lugar do carvalho derribado, mysteriosamente apparece um verde e esbeito pinheiro novo. Apontando-o, disse S. Winfredo aos circunstantes:

"Aqui está uma arvore nova. Vêde

como aponta para o céu. Seja ella a arvore do Jesus-menino. Cortae-a. Transportae-a para o castello de vosso chefe, para que não vades á escuridão da floresta celebrar com ritos ferozes as vossas festas secretas. Celebrá-las-heis nos vossos proprios lares, com cerimoniaes que falem de paz e de boa vontade. E dia virá, em todos os lares do norte, em que as familias, ajuntando-se á roda do pinheiro, celebrem o nascimento de Christo, para honra e gloria de Deus!"

E a prophesia de S. Winfredo foi cumprida. Daquelle tempo em diante, a arvore de Natal deitou raizes em todos os recantos da terra ao passo que seu espirito e significação se crystallisaram na mente e no coração da Christandade.

GOSTOS



Gostam alguns da peroba
Ou do ipê florido e forte;
Gostam outros da palmeira
De esguio e garboso porte;

Gostam do pinho, do cedro,
Da gigante carnahubeira;
E até fez versos um poeta
A' certa linda mangueira...

A minha escolha é bem simples...
Qual será ella, afinal?
A arvore do meu gosto
E' a arvore de Natal.

Na loja de brinquedos reinava um silencio profundo. Só se ouvia o "tic-tac" monotonico do relógio.

"Dong, dong, dong," com som melodioso e compassado o velho relógio bateu meia noite. Mal a ultima pancada resoou, um rumor mysterioso, fez-se ouvir. As bonecas e bonecos começaram a esfregar os olhos e a se espreguiçar. De repente uma voz muito debil exclamou:

A Boneca Faceira

"Que escuridão, ó Jacintho! — Vá accender a luz!" Um molequezinho de celluloido trepou á arvore de Natal e começou a accender as velas. "Que bonito!" exclamaram os cupidinhos, batendo palmas.

"Vae buscar um espelho, Mariquinha," disse uma boneca de porcellana finissima, vestida de seda, a uma pobre bruxa de panno. Esta obedeceu. Lui-

zita, pois assim se chamava a boneca de porcellana, mirando-se no espelho, disse com um profundo suspiro:

"Como o genero humano é pouco delicado! A menina que pegou em mim hoje, descabellou-me toda. Estou tão feia!"

"Nada disso! A senhora sempre é e sempre ha de ser bonita," disse um palhaço, fazendo uma reverencia tão profunda que caiu do balcão e quebrou o nariz.

"Que bobo," disse Luizita, "mas em todo caso," accrescentou arranjando os cachos, "elle não deixa de ter razão. Não sou como tu, Mariquinha, que de certo não dás prazer a ninguém."

"Isto é o que a senhora não sabe," disse com ironia um boneco vestido de fra-

que, pretendente desprezado de Luizita.

"Dong"—uma hora," disse o relógio com voz sonora e grave. Todo o rumor cessou na loja.

Na manhã seguinte, uma senhora muito bem vestida entrou na loja de brinquedos e comprou as duas bonecas.

A' noite, na sala repleta de crianças e illuminada pela arvore de Natal, a filha da senhora bem vestida e agora dona de Luizita, mal olhava para esta. Tinha ganho tantos presentes...

Mas a filhinha da cozinheira, quando sua ama lhe entregou Mariquinha, a pobre bruxa de panno, mal pôde conter as lagrimas de alegria. Abraçando-a e beijando-a exclamou, "Mamãe, venha ver! Que boneca bonita!"

NOSSOS



MIGUINHOS

Nós somos de Hawaii. Moramos numa linda ilha no Oceano Pacifico, no caminho do Japão e da China. Nossa casa é feita de esteira. Ha lindas flores crescendo ao redor della. Ha laranjas, abacaxis e bananas no nosso quintal.



Em Hawaii ha crianças de diversas nacionalidades. Ha crianças japonezas, chinezas, philippinas, americanas, quinze nacionalidades ao todo. Todas brincam junto. Nós gostamos umas

das outras. Nós todas vamos á escola. A professora nos quer muito bem. Ella disse que Jesus também nos quer bem. Elle deu-nos as lindas cousas da nossa ilha. Nós lhe agradecemos e o amamos muito. Vocês também o amam? Que é que Elle deu a vocês?

Nós não precisamos vestir muita roupa: aqui faz muito calor. Vocês usam sapatos? Nós não os usamos.

Bem, até logo. Vamos á escola. Não se esqueçam de mandar o jornalzinho para vermos se nossos retratos ficaram bons. Até logo, amiguinhos brasileiros!

A composição que Paulito fez sobre o sabão rezava assim: "O sabão é uma coisa feita em pedaços que cheira muito bem e tem pessimo gosto. E peiôr gosto tem quando nos entra pelos olhos. Papae diz que os esquimaus não usam sabão. Eu bem queria ser esquimau..."

A LENDA DE



SÃO NICOLAU

Havia, ha muitos, muitos annos, um homem chamado Nicolau. Quando ainda era moço, morreram-lhe pae e mãe, deixando-o na posse de uma confortável herança. Nicolau, porque era cren-te e era bom, olhava para essa herança como se fôra ella pertencente a Deus, considerando-se tão sómente o guardião das dadivas celestes. E assim vivia elle fazendo o bem e partilhando suas riquezas com os famintos e os necessitados.

Ora, vivia naquella paiz um certo fidalgo que possuia tres lindas filhas. Este fidalgo fôra, outróra, opulento; e agora, perseguido pelos revéses da sorte, era pobre ao ponto de não poder prover a subsistencia da família. Pobres e esfarrapados viviam, soffrendo, por vezes, á mingua de alimentos, a tortura da fome.

Comtudo, as lindas filhas do fidalgo estavam anciosas por se casar. Mas o velho pae não tinha dinheiro com que as dotasse no dia do casamento, e, naquella terra, nenhuma moça se casava sem levar dote.

Quando o bom Nicolau soube das difficuldades por que passavam o fidalgo e as filhas, resolveu promptamente ir ajudá-los. Mas como, se o velho fidalgo era demais orgulhoso para acceitar seu dinheiro? Foi então que o bom Nicolau ideou um plano; e, pelo meio da noite, tomando algumas peças de ouro numa comprida bolsa de seda, partiu para o castello do gentilhomen. As tres filhas, já recolhidas, dormiam a somno solto, emquanto o velho pae, sentado á lareira, entregava-se á vigilia e á oração.

Ao avizinhar-se do castello, o bom Nicolau imaginava em como poderia depositar suas peças de ouro sem que fosse visto ou reconhecido. Subitamente a lua surgiu por detrás das nuvens e

elle viu que uma janella do castello estava aberta.

Muito sorrateiramente trepou até ella e arremessou para dentro do aposento a bolsa de seda, que foi cahir mesmo aos pés do fidalgo. Este apanhou a bolsa e, surpreso de achar dentro as reluzentes peças de ouro, correu a acordar as filhas que dormiam. Então todos se alegraram grandemente e concordaram em dar uma parte daquelle ouro á moça mais velha, afim de que ella se casasse com o moço a quem amava.

Pouco tempo depois, o bom Nicolau encheu outra bolsa de seda, e, pelo meio da noite, arremessou-a pela janella aberta do castello. E o velho fidalgo, ao receber este segundo presente, deu-o á segunda filha que, fazendo como a irmã mais velha, casou-se com o homem de sua escolha.

Mas o bom do velho não podia mais refrear a curiosidade por saber quem seria o visitador nocturno que assim prodigalizava bençams sobre si e suas filhas. E assim, pôs-se a espreitar e a vigiar, até que uma noite viu que um vulto se approximava cautelosamente do castello e nelle reconheceu o bom Nicolau. Estava este quase arremessando a terceira bolsa pela janella a dentro, quando o fidalgo, agarrando-o pela comprida veste, ajoelhou-se diante delle e disse: "O' bom Nicolau, servo de Deus, porque te escondes?" E ao agradecer-lhe, beijava-lhe os pés e as mãos.

E, afinal, Nicolau respondeu: "Não me agradeça, fidalgo. Agradeça ao Pae celeste que foi quem me mandou em resposta ás suas orações. Não sou mais do que o seu mensageiro áquelles que nelle esperam e confiam. Que não saiba alguem destas bolsas de ouro, por-

que meus presentes são dados em nome de Deus”.

E assim casou-se a filha mais nova do fidalgo; e graças á providencia de Nicolau, aquella familia viveu feliz pelo resto da vida.

Tempos depois Nicolau tornou-se bispo. De cidade em cidade andava elle pregando e praticando actos de misericordia, de modo que toda gente o amava. E ao morrer dizia delle o povo: “Não lhe chamaremos mais *Bispo Nicolau*, mas *Santo Nicolau*. Porque, se houve santo na terra, este foi o nosso bom Nicolau”.

E assim, chamaram-lhe “o bom Santo Nicolau” ou “o bom São Nicolau”, que é como hoje dizemos.

Conta ainda a lenda que, na vespéra de Natal, São Nicolau traz presentes áquelles que os merecem. E porque na

historia do fidalgo, São Nicolau usou compridas bolsas de seda, hoje as crianças dependuram as meias para receber os presentes.

DEUS

Para experimentar Octavio, o mestre Diz: “Já que tudo sabe, venha cá! Diga em que ponto da extensão terrestre

Ou da extensão celeste Deus está!”

Por um momento apenas, fica mudo Octavio, e logo esta resposta dá:

“Eu, senhor mestre, lhe daria tudo, Se me dissesse onde elle não está!”

Olavo Bilac.

A RMAS



—Qual a mais forte das armas,
A mais firme, a mais certa?
A lança, a espada, a clavina,
Ou a funda aventureira?

A pistola? O bacamarte?
A espingarda, ou a flecha?
O canhão que em praça forte
Faz em dez minutos brecha?

—Qual a mais firme das armas?
O terçado, a fiska, o chuço,
O dardo, a maça, o virote?
A faca, o florete, o laço,
O punhal ou o chifarote?

—A mais tremenda das armas,
Peor que a durindana,
Attendei, meus bons amigos:
Se appellida:—a lingua humana!

FAGUNDES
VARELLA.



A GUARDA DO NATAL

Boa coisa é observar o Natal. O méro perpassar de dias e estações, em que todos os homens concordam em descansar e em dar expansão á alegria, é costume sábio e são. Sente-se nessas occasiões, a supremacia da vida collectiva sobre a vida individual; e o homem, depondo o seu relógiozinho de bolso, regula-se segundo o relógio da humanidade, que marca o tempo pelo sol.

Ha, entretanto, coisa melhor do a méra observancia do Natal. E esta é a guarda do Natal.

Queres esquecer o que aos outros fizeste e lembrár o que outros fizeram a ti? queres esquecer o que o mundo te deve e lembrar o que tu deves ao mundo? queres pôr teus direitos no segundo plano, a meia distancia, teus deveres, e, na vanguarda, tuas oportunidades de effectuar mais que teus simples deveres? queres encarar teus semelhantes por um prisma todo de realidade, procurando ver não seus rostos mas seus corações famintos de alegria? queres reconhecer que, provavelmente, a unica razão de existir não é pelo que da vida se tira, porém pelo que a ella se dá? queres fechar o teu livro de threnos contra a regencia do universo e procurar um recanto onde semear algumas sementes de felicidade? Queres fazer tudo isso ainda que seja por um só dia? Então, se o fizeres, poderás **guardar** o Natal.

Queres inclinar-te e considerar as necessidades e os desejos das creancinhas? queres lembrar-te da fraqueza e do abandono em que jazem os velhos? queres perguntar quanto os teus amigos te amam e perguntar a ti mesmo si os amas bastante? queres trazer em mente as coisas que outros têm de trazer no coração? queres entender, sem que te digam, as necessidades daquelles que moram contigo debaixo do mesmo tecto? queres dispor a tua lampada de modo a dar mais luz e menos fumo e carregá-las sempre adeante de ti para que tua sombra fique para trás? queres fazer um tumulto para teus maus pensamentos e um jardim, com portão aberto, para teus bons sentimentos? Queres fazer tudo isso ainda que seja por um só dia? Então, se o fizeres, poderás **guardar** o Natal.

Queres crer que o amor é a coisa mais forte do mundo—mais forte que o odio, mais forte que o mal, mais forte que a morte—e que a sublime vida começada em Belém mil e novecentos annos atrás é a imagem e o esplendor do Amor Eterno? Então poderás **guardar** o Natal.

E se o guardas por um dia, porque não guardá-lo sempre?

Mas, lembra-te que, todavia, não o podes guardar sózinho.

H. VAN DYKE

GALERIA

Nesta secção do nosso jornalzinho será estampada, no mez de nascimento de cada uma, a biographia de uma pessoa—homem, mulher ou criança—que se salientou por algum acto heroico, pelo talento ou pela vida inspiradora que levou. Acompanhá-lo-ha um registro de anniversarios de personagens eminentes.

Orna hoje a GALERIA, o vulto majestoso de D. Pedro II, cujo nascimento occorreu em Dezembro, e que é uma das figuras mais sympathicas e mais nobres da historia do Brasil.

Nasceram em Dezembro:

Dom Pedro II.

Otavo Bilac.

João Milton.

Woodrow Wilson.

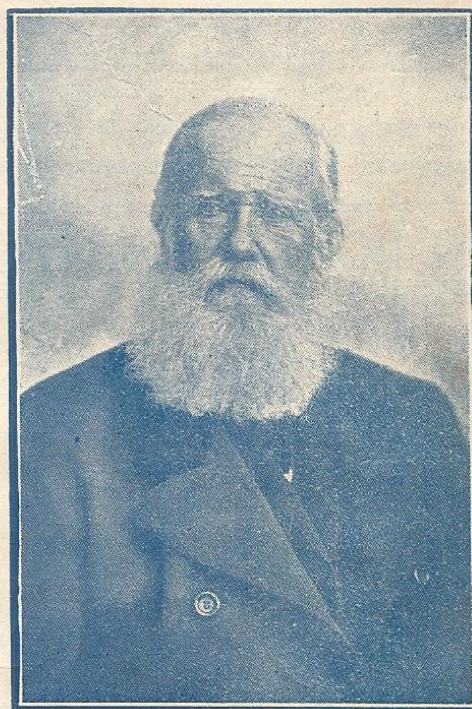
D. PEDRO II

Ha quase cem annos atraz, no mez de Dezembro, nasceu num palacio na cidade do Rio de Janeiro, uma criança que, mais tarde, veio a ser D. Pedro II, Imperador do Brasil.

D. Pedro era uma criança viva e de intelligencia brilhante. Ainda não tinha seis annos e já dizia: "Quero estudar bastante e crescer depressa, para governar bem o meu povo". Em menino, aprendeu a falar portuguez, hespanhol, francês, italiano, inglês, e allemão. Aos quinze annos foi coroado "Imperador do Brasil". Os habitantes do Rio de Janeiro ficaram tão entusiasmados no dia da coroação, que desatrellaram os cavallos do coche real e o foram puxando atravez das ruas da cidade, entre vivas e aclamações delirantes. Este coche está cuidadosamente conservado

no antigo palacio real, que é hoje o Museu Nacional.

D. Pedro II reinou durante quase cincoenta annos. Seu governo foi muito bom e trouxe reaes beneficios ao Brasil. D. Pedro acabou com as guerras civis, construiu as primeiras estradas



das de ferro e as primeiras linhas telephonicas, prohibiu o trafico africano e espalhou instrucção pelo povo.

D. Pedro era geralmente estimado no Brasil e fóra d'elle. Nas diversas viagens que fez ao estrangeiro, á Europa e aos Estados Unidos, foi por todos recebido com mostras do maior respeito e da mais viva sympathia. Os homens mais eminentes do Velho e do Novo Mundo, o admiravam e o amavam.

Em 1889, D. Pedro, já velho e doente, quiz abdicar o throno em favor de sua filha, a Princeza Isabel. Nesse meio tempo, porém, proclamou-se a Re-

publica e D. Pedro foi deposto e banido do Brasil, junctamente com toda a família imperial. Tanto era, porém, o seu desejo de ser enterrado na patria que, ao partir, levou comsigo uns punhados de terra brasileira, para que lh'os depositassem na cova.

Nada faltava a D. Pedro para ser um bom monarcha: de coração era puro, nobre, magnanimo, liberal. Era poeta, escriptor erudito e scientista notavel. Amava e protegia as letras, as sciencias e as artes. Physicamente, D. Pedro II era corpulento, tinha rosto expressivo e usava barba comprida. Suas maneiras eram simples e bondosas.

D. Pedro amou enternecidamente o Brasil. Apesar de "soffrer ingratições e injurias, apesar de ver-se, de repente, desthronado e expulso da patria, priva-

do de tudo quanto amava e de tudo aquil-o a que se achava acostumado", mesmo assim nunca deixou de amar o Brasil e os brasileiros. Morreu em Paris, num modesto quarto de hotel, sem nunca tornar a ver a formosa patria amada.

Comtudo, em Janeiro deste anno, lançou ferros na bahia do Rio de Janeiro o couraçado São Paulo, que trazia a bordo os restos mortaes dos ex-imperadores do Brasil—D. Pedro II e sua esposa, D. Thereza Christina. O Brasil, querendo demonstrar seu amor e reconhecimento, solicitou da familia imperial a trasladação dos despojos do bom monarcha e sua mulher, os quaes hoje se acham no Rio de Janeiro, onde permanecerão até que a egreja em Petropolis fique de todo prompta. E assim cumprir-se-ha a utima vontade de D. Pedro II.

UM BOM PRESENTE

Muito longe daqui, numa villa da Noruega, havia um casebre aninhado entre arvores, numa floresta. Nesse casebre moravam Hans, Gretchen e seus paes. Hans e Gretchen tinham os cabellos da côr do linho fiado. Ambos ajudavam os paes no trabalho diario e brincavam debaixo das arvores ramalhudas que rodeavam o casebre.

O Natal vinha chegando. A' noite, sentados á lareira, a mãe contava a historia do nenê que nascera numa mangedoura, e dos pastores e reis magos que seguiram a estrella, transportando dadas de ouro, incenso e myrra. As crianças, olhando a mãe nós olhos, suspiravam: "O' mãe, se nós lá estivéssemos, dar-lhe-íamos um presente também".

E a mãe respondeu: "Mesmo hoje, meus filhos, vocês poderão dar presentes ao Jesus menino. Porque Elle disse que, quando se dêsse um presente a um pobre, seria o mesmo que dar-lhe a Elle". E immediatamente as crianças se alegraram, porque nasceu-lhe a es-

perança de ainda poderem, um dia, dar uma dadiva ao Jesus menino.

Até aquelle dia, Hans e Gretchen só haviam provado do rude pão preto dos pobres. E, com os ouvidos attentos, muita vez ouviram a mãe contar dos pães de trigo, alvos como a neve, que se serviam á mesa de seu lar de outróra. E com que alvoroço, no dia de Natal, ouviram um segredo que lhes contou a mamãe: naquella dia, iriam ter pão branco, pão de trigo!

Attentos, Hans e Gretchen acompanhavam a mãe enquanto esta fazia a massa. E como estalaram os beigos quando viram sair do forno o pão quente, coberto de uma appetitosa crosta parda! A' mesa, mal podiam esperar dar as graças! Mas, no momento em que o pae levantou o facão para cortá-lo, alguém bateu á porta. Era um pobre vizinho cansado e abatido pela tormenta, que pedia agasalho. Muitas milhas andára elle afim de comprar algum alimento para sua filha doente; porém, chegando á villa, viu a venda fechada e

soube que o proprietario se havia mudado para uma grande cidade.

"Mamãe, dê-lhe o nosso pão de trigo!", disse Hans. A mãe hesitou. Aquelle pão era a unica "festa" das crianças.

"Não seria isto um presente ao Jesus menino?", perguntou Bretchen.

"Sim, decerto", respondeu a mãe, contendo as lagrimas.

E assim, as crianças voltaram ao antigo pão preto, e comtudo a codea negra nunca lhes soube tão bem! E naquella noite, ao ajoelharem-se á beira do leito, oraram: "Querido Jesus, estamos alegres porque te fizemos presente do nosso pão branco". E vendo a mãe inclinar-se sobre elles, disseram: "Que dia feliz! Fizemos um presente ao menino Jesus, não fizemos?".

quat 25:34-40

NATAL

Jesus nasceu! Na abscida infinita
Soam canticos vivos de alegria,
E toda a vida universal palpita
Dentro daquella pobre estrebaria.

Não houve sedas, nem setins, nem rendas
No berço humilde em que nasceu Jesus...
Mas os pobres trouxeram offerendas
Para quem tinha de morrer na cruz.

Sobre a palha, risonho e illuminado
Pelo luar dos olhos de Maria,
Vêde o Menino Deus, que está cercado
Dos animaes da pobre estrebaria.

Não nasceu entre pompas reluzentes;
Na humildade e na paz desse logar,
Assim que abriu os olhos innocentes,
Foi para os pobres seu primeiro olhar.

No emtanto, os reis da terra, peccadores,
Seguindo a estrella que ao presepe os guia,
Vêem cobrir de perfumes e de flores,
O chão daquella pobre estrebaria.

Sobem hymnos de amor ao céu profundo.
Homens, Jesus nasceu! Natal! Natal!
Sobre esta palha está quem salva o mundo,
Quem ama os fracos, quem perdoa o mal!

Natal! Natal! Em toda a natureza
Ha sorrisos e cantos neste dia...
Salve, Deus da humildade e da pobreza,
Nascido numa pobre estrebaria!

Olavo Bilac.

Um Natal Feliz

A noite estendia seu manto sobre a terra, e parecia trazer nas dobras, negras nuvens de tormenta. Não tardaria muito a desabar uma tempestade de neve.

Era em França, na véspera de Natal.

Num humilde casebre estava uma pobre mãe cercada de seus filhinhos. A luz tenue de um velho lampeão allumia-va o triste lar, onde o conforto estava bem longe de existir. Conversavam a respeito do dia seguinte, o dia melhor do anno, o dia de Natal.

Margot, a maiorzinha, dizia: "Mamãe, o dia de amanhã vae ser tão triste para nós; não vamos ganhar presentes!"

"Paciencia, filhinha. Que hei de fazer? No tempo em que teu pae vivia, nada nos faltava! Hoje eu trabalho tanto e o dinheiro parece que nunca é sufficiente!"

"Ah! Mamãe, bem me lembro dos felizes Nataes, quando papae nos dava tanta cousa! E que arvore bonita tinhamos na sala!"

"Meus queridos filhinhos, o nosso Pae Celeste nunca se esquece daquelles que o amam. Vão deitar-se. Já é tarde. Quem sabe se não acordarão mais contentes amanhã cedo?"

As crianças, então, beijando a sua querida mamãe, foram para cama. Mére Marie—pois assim se chamava esta senhora—ficou por muito tempo meditando. Espraiando o olhar pelo mal alumiado quarto, reparou nos tamanquinhos cambados e desbeçados de Margot e dos pequenos, postados á beira da cama, na attitude de quem espera um presente do céu. Confrangeu-se-lhe o coração de pena e de dó. Quem, oh! quem encheria o vasio daquelles tamanquinhos velhos? Raiou-lhe então no espirito acabrunhado, uma luz de esperança: e se ella fosse e vendesse o medalhão de ouro que lhe déra o marido em tempos de prosperidade? Assim, ao menos, poderia comprar as "festas" para os fi-

lhinhos. Mas não!— Aquillo era a unica lembrança que lhe restava. Como desfazer-se della? Mas... era a véspera de Natal. E os tamanquinhos esperavam, desconsolados e tristes... Mére Marie tomou uma resolução: levantou-se, dirigiu-se para uma velha arca de pau, abriu-a e de dentro tirou uma pequena caixa de papelão. Feito isso, deu um derradeiro olhar ás crianças, já adormecidas, embrulhou-se no chale e saiu.

Fóra caía a neve, gelida e fria. A pobre mãe pensou em retroceder. Mas, as crianças? E os tamanquinhos vassios? Armada de coragem continuou a caminho emquanto a tempestade de neve ia crescendo continuamente. A certa altura, Mére Marie parou sob um telheiro para tomar folego, quando ouviu um soluço. Olhou em volta e deu com os olhos num vultozinho branco, meio coberto de neve; era uma criança perdida no meio da tormenta. Quem seria? A criança, roxinha e enregelada, não respondia e continuava a soluçar desábaladamente.

Condoída, Mére Marie embrulhou-a no chale e retomou o caminho do casebre. E só á luz do velho lampeão reconheceu que a criança era um lindo menino, bem tratado e bem vestido, talvez pertencente á rica familia da cidade. Dahi a pouco a criança abriu os labios e falou: "Que casa é esta? Eu ia indo ver o presepe e me perdi na rua. Queria tanto ver Jesus..."

Mére Marie deu-lhe um prato de sopa quente, beijou-o, consolou-o, e, deitando-o no collo, disse-lhe que dormisse, porque logo, em sonhos, Jesus lhe appareceria. E Louis—porque assim se chamava o menino—pendeu a cabecinha, amollentou o corpo e adormeceu profundamente. Então Mére Marie deitou-o ao lado de Margot, tomou o chale e tornou a sair.

A tempestade serenára e a caminhada agora era menos penosa. Onde iria

Mére Marie agora? Ia á policia dar parte que achára na rua um menino perdido. Ao entrar no escriptorio teve de esperar alguns minutos, porque lá dentro já se achava um senhor muito bem vestido a falar com o delegado. Dizia este: "Póde estar descansado, senhor. Mande proceder a minuciosa pesquisa e ao primeiro signal do apparecimento, avisá-lo-hei."

"Com licença, senhores," disse Mére Marie avançando. "Falam, por acaso, de um menino perdido?"

"Sim", gritou o senhor bem vestido, "a senhora sabe alguma coisa delle? Louis é seu nome."

"E' isso mesmo. Elle está são e salvo, a dormir em minha casa."

O homem não quiz ouvir mais. Chamou um taxi, empurrou Mére Marie para dentro e mandou tocar para o casebre. Em caminho contou-lhe que Louis saira com a criada para ver um presepe; a criada se distraira na rua a prosear com algumas amigas e, quando deu accordo de si, não viu mais o menino: este havia desaparecido!

"Ve-lo-ha neste minuto," disse Mére Marie descendo do taxi e empurrando a porta do casebre.

Num abrir e fechar d'olhos, o pae tinha o menino nos braços. Depois de se fartar com a presença de Louis, disse á Mére Marie.

"Poderá elle permanecer aqui mais alguns quartos de hora? Vou telefonar a minha esposa e pedirei que ella mande o automovel para nos conduzir á casa."

E o pae de Louis tornou a sair e demorou mais de uma hora para voltar. Quando voltou, trazia o automovel recheado de embrulhos de todos os tamanhos e feitios. E' que elle havia comprehendido a miseria do casebre e a historia dos tamanquinhos, vãos e desbeçados, á beira do leito. Em poucos minutos rechearam-se os tamanquinhos, atulharam-se as cadeiras, abarrotou-se a mesa de embrulhos. Era um peru', um presunto, pacotes de chá, de café, assu-

car, doces, pão, nozes, castanhas, avelãs. E os tamanquinhos, agora recheados, até pareciam sorrir á borda da cama.

E o pae de Louis, tomando-o nos braços, despediu-se de Mére Marie, dizendo:

"Boa mulher, diga aos seus filhinhos que Jesus voltou outra vez ao mundo. Que seu Natal seja tão feliz como o meu o está sendo. E esta felicidade, nunca hei de esquecer, devo-a á senhora, que achou o meu filhinho perdido e delle cuidou com tanto carinho."

Mére Marie quiz agradecer, porém não achou palavras com que fazê-lo. Encheram-se-lhe os olhos de lagrimas e os soluços embargaram-lhe a voz enquanto beijava as rosadas faces de Louis.

E no dia seguinte, que alegria reinou naquelle casebre, antes tão pobre e desolado! Margot e os pequenos accordaram cedo, fartaram-se das iguarias do Natal e maravilharam-se com os presentes que recheavam os tamanquinhos. E por tudo reinou a felicidade, graças ao bondoso pae de Louis, que comprehendera e realizara a palavra daquelle que disse: "E se uns aos outros vos servirdes, isto mostra o vosso amor por mim."

ENIGMA

Eu pensava, antigamente,
Que as creanças estrangeiras
Moravam além dos mares,
De mil diversas maneiras.



Certo dia, no Correio,
Houve carta para mim.

—Saberás tu de onde veio?

—Da China! Era de um Chin!

"Meu amiguinho estrangeiro..."

Dizia a carta. Já vês

Que fiz um olho tamanho:

Agora, quem era o "estranho",

Eu ou o esperto Chinez?

A PAGINA DOS LEITORES

("Eu vejo em cada criança a possibilidade do homem perfeito.")



ESTA é a pagina dos leitores e será destinada á collaboração dos mesmos.

A gravura aqui estampada enviámo-la a sessenta meninas, as quaes escreveram historias originaes sobre o assumpto do cliché. Algumas destas historias são devéras interessantes e demonstram apreciavel talento em quem as escreveu.

Com o fito de encorajar os jovens leitores ao manejo da linguagem escripta, escolhemos as melhores dentre as historias enviadas e as publicamos, respectivamente, neste e nos dois numeros seguintes da revista.

Mensalmente, daremos como premio um livrinho aos meninos e meninas, cujas historias forem publicadas.

Todos os nossos jovens leitores são convidados a entrarem no concurso.



OS DOIS PERALTAS

I

O Bonnet de seu Pafuncio

Vivia numa villa, em companhia dos paes, um menino de oito annos, que se chamava Antoninho.

Antoninho não tinha irmãos mas vivia bem contente da vida. E sabeis porque? Porque possuia como maior amigo um cãozinho chamado Totó, que seus paes lhe haviam dado quando completou sete annos.

Antoninho e Totó eram tão amigos e tão levados da bréca, que todos os vizinhos lhes chamavam, "os dois peral-

tas". Na verdade, por onde quer que os dois passassem, deixavam rasto.

Quase todas as suas treveasuras, porém, recaíam sobre um pobre soldado da villa, o seu Pafuncio. Esse soldado volta e meia jurava vingar-se dos dois traquinas, porém nunca chegou tal oportunidade.

Vou contar a ultima e uma das peores peças que Antoninho e Totó pregaram ao seu Pafuncio.

Ora, quando fazia muito calor, o seu

Pafuncio costumava pôr a um canto o seu elegante bonnet de soldado e collocar na cabeça um grande chapelão de palha, de largas abas, que o abrigasse dos ardores do sol.

Certo dia em que o sol estava "de rachar", Antoninho, passando pelo seu Pafuncio e vendo o bonnet de feltro abandonado a um canto, teve uma idéa luminosa! Esgueirando-se cautelosamente por detrás do soldado, pegou do bonnet e levou-o para casa. Ahi, entrando no quarto da mamãe, abriu uma gaveta de onde tirou uma almofadinha crivada de alfinetes. Depois, correndo até ao quintal e assentando-se no chão, começou a enfiar de fóra para dentro, na copa do bonnet, uma enorme quantidade de alfinetes. Quando não havia mais logar e o bonnet estava totalmente cheio, pô-lo na bocca de Totó, dizendo: "Vá levar isto ao seu Pafuncio".

Totó, comprehendendo o que tinha a fazer, não se fez esperar; sahiu em disparada e foi depositar o bonnet mesmo ao lado do soldado que cochilava.

Cahiu a tarde. O sol já não era tão quente e seu Pafuncio, crendo que eram horas de jantar, enrolou o chapelão de palha, mettu-o no bolso e... enfiou na cabeça o bonnet de feltro.

Ui! que horror! Seu Pafuncio deu um salto e um grito, ao sentir no cocoruto as pontas dos alfinetes.

"Quem... quem... será o... o... auctor da brincadeira?", dizia seu Pafuncio, gaguejando de raiva.

Nisto, pensou ouvir uma risada e, virando-se, viu escondidos dentro de um barril velho, Antoninho e seu cão Totó. Teve vontade de moê-los a porrete, mas conteve-se porque se approximava um grupo de gente.

"Deixem estar, malandros! Vocês me pagam! Hei-de vingar-me desta vez!". Vociferava furioso seu Pafuncio enquanto ia arrancando um a um os alfinetes da copa do chapéu.

II

A vingança de seu Pafuncio

Certa tarde estava Totó deitado na grama do jardim, ao pé de Antoninho

que, fatigado de tanta travessura, dormia a bom dormir. Nesse instante, passa seu Pafuncio, de caminho para seu posto habitual. Ao ver o menino adormecido e o cachorrinho ao lado, exclamou para si: "Agora é hora!". E correndo para casa, voltou, trazendo uma cordinha. Depois, entrando cautelosamente no jardim, amarrou a corda ao pescoço de Totó e o foi puxando pelo portão afóra.

"Você vae é para o matadouro de cães, seu Totó de uma figa!", vociferava o velho soldado. "Ha de dar bom torresmo e melhor cebo para sabão!".

Totó, coitadinho! encolhia-se todo, ganindo tristemente, á espera de ser ouvido por Antoninho. Mas, qual! Não havia meios de o menino accorder e, enquanto isso, seu Pafuncio ia arrastando pela calçada o pobre cão.

De repente, a um ganido mais forte do Totó, Antoninho despertou, sentou-se na grama, esfregou os olhos somnolentos. Que horror! Que viu elle, de repente? O pobre Totó, encolhido e ganindo, a ser arrastado pela calçada pelo impiedoso seu Pafuncio!

Agora, que fazer? Olhando ao redor de si, Antoninho, de subito, deparou com uma grande tesoura de cercear a grama. Sem tardança agarrou-a, correu até a cerca viva que separava o jardim da rua. Nesse instante acabava de passar seu Pafuncio, arrastando ainda o pobre Totó que, assentado na calçada, se obstinava em não sahir do logar. Antoninho, então, debruça-se sobre a cerca e, empunhando a tesoura, corta a corda que amarrava o pobre Totó. Este, ao se ver livre, disparou como uma flecha e entrou no jardim.

Quanto a seu Pafuncio, ao principio não percebeu a ausencia do cãozinho, mas, pouco a pouco, sentindo a corda leve, virou-se e viu que Totó já lá não estava.

Indignado e resmungando, seguiu caminho para seu posto habitual e dahi por diante nunca mais tentou separar "os dois peraltas"—Antoninho e Totó.

A lenda dos sinos de Natal



No centro de uma linda cidade, em país muito distante, erguia-se uma esplendida igreja de granito, com porticos e columnas de marmore. O portico principal dava accesso ao corpo da igreja, onde se viam, ao fundo, o magnifico altar de marmore de Paros e o gigantesco órgão, cujas tubas resoavam como se dentro ribombassem trovões. Na ala direita elevava-se uma torre tão alta, tão alta, que só se lhe via o topo nos dias muito claros. Nunca ninguem subira á torre, e corria a lenda que, lá



bem no cimo, havia sinos encantados, que só bimbahariam numa noite de Natal, no momento em que a mais preciosa dádiva fosse trazida ao menino Jesus.

Durante annos e annos seguidos, os habitantes daquella linda cidade—homens, mulheres e crianças—levaram á igreja, na noite de Natal, as mais ricas dádivas que o dinheiro póde comprar. Debalde, esperavam, porém, ouvir o bimbahar dos sinos encantados... Estes permaneciam calados e mudos, numa mudez irreparavel de pedra, lá no alto, bem no alto da sua torre...

Comtudo chegou uma vez em que o sacerdote, reunindo os fiéis, falou-lhes com grande eloquencia:

“Meus irmãos, o Natal vem perto. Vamos fazer uma ultima tentativa. Que todos os habitantes da cidade venham depositar suas mais preciosas dádivas aos pés do menino Jesus. Vinde, vinde, todos á festa do Natal! Trazei o coração puro e alma santificada para que os sinos encantados vibrem de alegria na mais bella noite do anno!”

Acabando de falar o sacerdote, retiraram-se os fiéis com os corações incendiados por uma esperanza mais viva e mais nova.

Ora, numa alegre villazinha que ficava nas cercanias da linda cidade, viviam dois irmãozinhos: Pedro e Francisco. Muita vez, assentados ao portal de sua humilde cabana, divisavam ao longe, a furar as nuvens, a alta torre dos sinos mysteriosos. Pedro e Francisco não sabiam, no entanto, a lenda que corria a respeito dos sinos. Sabiam sómente que a festa do Natal naquelle anno ía ser esplendida e seus coraçãozinhos batiam no louco aneio de assisti-la.

“Olhe, maninho,” dizia Pedro, “dizem que até o menino Jesus desce do altar para abençoar o povo e que nesse momento se ouve uma musica tão linda que até parece vir do céu.”

“Ah! eu bem queria assistir á festa do Natal...” suspirou Francisco, que era o menorzinho. Ambos ficaram silenciosos por algum tempo. Foi Pedro quem rompeu o silencio.

Escute aqui, maninho, dizem que é preciso levar um presente ao menino Jesus. Que offerta, nós, tão pobrezinhos, levaremos ao Divino Infante?”

"Offereceremos aquella moedinha de prata que mamãe me deu no dia de meus annos: Será bom presente, não acha, Pedro?" perguntou Francisco, innocentemente.

"Acho que sim. O certo é que nós lá estaremos na noite de Natal, para assistir á festa..." respondeu Pedro.

E assim decorreu o tempo até que finalmente chegou o Natal. E á tarde desse dia, Pedro e Francisco, tomando uma fatia de bolo e a moedinha tão querida, partiram, de mãos dadas, para a linda cidade que resplandecia no horizonte.

O dia estava frigidissimo e nevava. As arvores sem folhas estendiam no ar os braços nus onde, qual fina limalha, se accumulava a neve. O campo parecia coberto de amplo lençol branco. E Pedro e Francisco, movendo os pés e tiritando, caminhavam na direcção da porta da cidade.

A meio caminho, porém, estacaram de subito. Ali perto, na neve, jázia estendido um vultô. Pedro approximouse e deparou com uma mulher velha e pobre, com a cabeça a descancar num travesseiro de neve. A coitadinha parecia dormir o somno da morte.

"Coitada!" exclamou Pedro condoído. "Vae morrer de frio!" E assim falando, tomou as mãos da velha e pôs-se a esfregá-las violentamente. Vendo que de nada valiam seus esforços, Pedro disse a Francisco:

"Você tem de ir sózinho á festa, mano. Não posso ir comsigo. Não quero nem devo deixar esta pobre morrendo á mingua."

"Não, isso não, Pedro!", protestou Francisco.

"Olhe, maninho, é excusado você dizer mais. Não posso ir-me embora e deixar esta velhinha no abandono: doer-me-ia o coração. Vá você e deixe a fatia de bolo para eu dar á pobre quando despertar. E não se esqueça: preste bem attenção na festa para me contar tudo depois; e a nossa moedazinha, colloque-a em cima do altar, sem que ninguem a veja. Será o nosso presente ao menino

Jesus. "E Pedro, beijando as faces de Francisco, convenceu-o a retomar a estrada e a continuar o caminho.

Depois de alguma reluctancia, Francisco obedeceu e continuou a caminhar. Já era quase noite quando chegou á praça onde se elevava a magnifica egreja de granito. "Que belleza!" pensou Francisco, ao passo que o coração lhe saltava dentro do peito. As columnas, altas e elegantes, sustentavam custosas arcadas e a larga porta, de ferro fundido, representava, em relevo, cabeças de santos e piedosas scenas.

Com passo tremulo e vacillante Francisco entrou na egreja e, como um sonho, caminhou até quase a beira do altar. Depois, espraçando a vista ao redor, viu que todas as pessoas—homens, mulheres e crianças—seguravam embrulhos nas mãos.

"São os presentes do menino Jesus..." pensou Francisco, apertando com os dedos sua moedazinha de prata.

Nisto o gigantesco órgão começou a tocar e o som de mais de mil vozes reboou pela aboboda do templo. E quando cessou o canto, o sacerdote, subindo ao pulpito, falou com voz commovida:

"Meus irmãos, hoje é Natal. E' o dia aprazado para que trouxesseis as vossas mais ricas dadas ao menino Jesus. Vinde, pois! Desfilae perante o altar, e nelle depositae as offertas que trazeis! Talvez uma haja, entre todas que desperte a voz dos sinos encantados!"

Acto continuo, os fieis puseram-se a desfilar vagarosamente perante o altar, nelle deixando os presentes mais caros e mais raros. Alguns depositaram bolsas recheadas de peças de ouro, de joias e de pedras preciosas. Até um velho guerreiro lá deixou sua espada encrustada de brilhantes e que o servira em mais de cem combates, e uma nobre dama, desatando do pescoço um magnifico collar de perolas, depô-lo reverentemente na ara sagrada. Agora, decerto, os sinos iriam bimbalar. Mas, estes, calados, silentes, permaneceram numa mudez irreparavel de pedra, lá no alto de sua torre...

De repente, fez-se profundo silencio: o rei do país, acompanhado de luzido cortejo, vinha entrando pela igreja a dentro. Caminhou até a frente, e, arrancando da cabeça a coroa real marchetada de pedrarias raras, depô-la solennemente entre os candelabros do altar! Correu pela assistencia um sussurro de pasmo e admiração.

"Decerto agora," pensavam, "os sinos vão tocar... Pois que dádiva ha mais preciosa e mais rica do que a coroa de um rei?"

E comtudo, no alto de sua torre, os magicos instrumentos permaneceram immoveis, impassiveis, silenciosos como o proprio granito que os sustentava.

O sacerdote subiu ao pulpito. O órgão rompeu numa solenne antiphona que ribombava pelas arcadas do templo e que, ondulando no ar, ia ferir os ouvidos de Pedro, que ainda velava a pobre velha estendida na neve.

Só então, passado o êxtase, Francisco se lembrou que ainda não offertára ao menino Jesus a sua moedinha de prata, tão nova e reluzente.. Hesitante e vacillando, Francisco approximou-se e apertando a moeda na concha da mão, deixou-a cair no altar alastrado de presentes...

O órgão cessára. O silencio dentro da igreja era perfeito. Todos os olhares convergiam-se sobre Francisco. Subito, feriu o ar o tanger de um sino; depois o badalar de um outro, o bimbalar de outro ainda... E em breve, o povo, maravilhado, ouvia o carrilhão mais lindo e mais melodioso que jámais soára em toda aquella terra. Eram os sinos encantados que no alto da torre, quebravam sua mudez irreparavel de pedra... E a bimbalar alegremente, semelhavam uma orchestra argentina de cymbalos e timbales, de adufes e pandeiros...

O sacerdote, o rei, o povo fitavam o pequenino vulto de Francisco, e em vão procuravam divisar por entre as dádivas, a humilde offerta que despertára o coração dos sinos encantados... E a moedinha de prata, nova e reluzente, lá

jazia no altar de marmore, entre as pedrarias, o ouro e a coroa de um rei...

Quanto a Francisco, encantado com a musica que ouvia, nem reparou que todos os olhares pousavam na doçura e na meiguice de sua pessoa e nunca soube que fôra a offerta da moedinha de prata, que despertára a voz dos sinos, lá no alto de sua torre...



SE BEM O DISSE, MELHOR O FEZ...

A Gigi frequentava uma escola que tinha posto de parte os antigos processos de desenho de só copiar figuras de desenhos do papel, e que tinha introduzido o método moderno de copiar do natural.

Desta maneira, o desenho que, para o seu papae e sua mamãe, tinha sido um tormento, os quaes nunca chegaram a desenhar do natural a mais simples vasilha, era para Gigi um dos agradaveis passatempos.

A Gigi desenhava tudo. E' certo que, a principio, algumas coisas ficavam tão direitas como uma linha no bolso, mas pouco a pouco, com as lições da professora e até com as observações que mesmo em casa lhe faziam, ia mostrando as vantagens do processo moderno.

Pelo Natal, a Gigi tinha recebido da Arvore do Natal de Tia Engracia um interessante boneco chinez. Querendo escrever á prima, que morava no interior, para contar como tinha sido bonita a festa do Natal da Tia Engracia, resolveu dar-lhe uma idéa do boneco que ganhára. Então lembrou-se de desenhá-lo e de enviar o desenho á prima. E se bem o disse, melhor o fez.

Parabens a Gigi!

AS JANELLAS DE OURO

Durante todo o dia o rapazinho trabalhára árduamente no campo, na tenda e no estábulo. Seus paes eram pobres lavradores e não podiam pagar empregado. Mas, ao pôr do sol, chegava a hora de descanso que seu pae lhe dera. Nessas horas, o rapazinho subia ao topo de uma collina e punha-se a fitar uma outra collina que se erguia lá no horizonte alguns kilometros além. Nesta longe collina havia uma casa com janellas de ouro e de brilhante. Estas janellas reluziam e fulguravam tanto, que o rapazinho piscava os olhos ao fitá-las. Mas dahi a pouco fechavam-se as bandeiras, e então a casa parecia a mais commum e a mais chã moradia de lavradores. E o rapazinho pensava que eram horas da ceia, e, descendo a collina, voltava para casa a cear seu pão com leite. Depois, dormia placidamente.

Um dia o pae do rapazinho chamou-o e disse: "Tens sido tão bom rapaz que vou dar-te um feriado. No dia de hoje podes fazer aquillo que quizeres. Porém, lembra-te, meu filho, que Deus foi quem te deu os dias e aproveita este para aprenderes alguma cousa boa".

O rapaz agradeceu ao pae e beijou a mãe e a irmãzinha. Depois, pondo no bolso uma codea de pão, saiu a procurar a casa de janellas de ouro e de brilhante.

Era tão bom andar! Seus pés nus faziam marcas na poeira esbranquiçada do caminho, e quando elle olhava para trás, via as pégadas que ia deixando e que lhe faziam companhia. Sua sombra projectada no chão corria ao lado delle, e, ora dansava, ora se tornava menos nitida, ora reaparecia perfeita como uma figura recortada.

Logo o rapazinho sentiu fome, e, sentando-se á beira de um riacho que deslisava entre renques de chorões, ahi comeu do seu pão e abeberou-se da agua clara. Depois espalhou as migalhas

aos passaros, conforme lhe ensinára a mamãe, e continuou a caminhar.

Depois de algum tempo elle chegou ao topo de uma verde collina, e olhando ao redor, viu uma casa com as janellas abertas, mas... que desillusão! as janellas não eram de ouro nem tão pouco de brilhante. Chegando mais perto, quase chorou ao deparar com as janellas de vidro ordinario, iguaes a quaesquer outras.

Uma mulher veio á porta, e vendo o rapazinho, perguntou-lhe mansamente o que desejava.

"Eu vi as janellas de ouro lá do topo da minha collina", disse elle. "Vim para vê-las e agora noto que são apenas vidro".

A mulher sacudiu a cabeça e sorriu.

"Somos pobres lavradores", disse ella, "e não podemos ter ouro nas janellas. O vidro é melhor porque deixa ver através".

E fazendo-o sentar-se no largo degrau da escada de pedra, trouxe-lhe uma caneca de leite e um pedaço de pão, e convidou-o a descansar. Depois chamou a filha, uma menina que tinha mais ou menos a mesma idade do rapazinho, e voltou para dentro, deixando-os a sós.

A menina estava descalça como elle e vestia uma roupa de algodão escuro. Seus cabellos eram côr de ouro, como as janellas, e seus olhos azues, como o céu da tarde. Ella levou o rapazinho a visitar as plantações, mostrou-lhe seu bezerinho preto de estrella na testa. O rapaz falou-lhe do seu bezerinho que ficara em casa e que era côr de castanha com as quatro patas branquinhas como algodão. Depois que comeram junctos uma maçã e ficaram amigos, o menino falou sobre as janellas de ouro. A menina sacudiu a cabeça e disse-lhe que tambem ella as conhecia, mas que elle, o rapazinho, se havia enganado na casa.

"Vieste pelo caminho errado!", disse ella. "Vem commigo e eu te mostrarei a casa com janellas de ouro e tu a verás com teus proprios olhos".

E a menina conduziu-o a um outeiro que se erguia por detrás da casa. E enquanto subiam, a menina contou-lhe que as janellas de ouro só se viam a uma certa hora, isto é, ao pôr do sol.

"E' isso mesmo", confirmou o rapazinho.

Ao chegarem ao cume do outeiro a menina voltou-se e apontou: lá ao longe, numa verde collina, via-se uma casa com janellas de ouro e de brilhantes, exactamente como o rapazinho as via sempre. E ao olhar de novo o rapaz reconheceu naquella casa da collina a sua propria casa.

Depois, despedindo-se da menina, deu-lhe um lindo pedregulho de crystal que ha muito tempo guardava consigo, e a menina deu-lhe de presente tres castanhas da India,—uma sarapintada, outra vermelha, outra branca como o leite. Elle beijou-a, prometteu voltar, mas não lhe contou o que havia aprendido. E descendo a collina, o rapaz pôs-se em caminho de casa.

A caminhada era longa, e já era escuro quando elle chegou. A luz da lampada e da lareira brilhava através das janellas, tornando-as quase tão brilhantes como elle as vira do topo da collina. Ao abrir a porta, sua mãe correu a beijá-lo; sua irmãzinha abraçou-o com alvoroço, e o pae, sentado á lareira, sorriu-lhe com bondade.

"Passaste um bom dia?", perguntou a mãe.

"Aprendeste alguma cousa?", perguntou o pae.

"Sim!" respondeu o rapaz. "Aprendi que a nossa casa tem janellas de ouro e de brilhantes".

Ao rio vão ter as aguas
Que deslisam pelo chão;
Aos olhos vão ter as maguas
Que nascem no coração.

AS CRIANÇAS

Repelle alguém, do Mestre, brutalmente,
Os louros cherubins de rostos finos,
Mas, o sabio Rabbi lhe diz, clemente:
"Deixae virem a mim os pequeninos.

Deixae-os vir a mim. Sou o ceifeiro
Que nada perde e o mundo vem ceifar.
Feliz de quem, como estes, é rasteiro!—
Ai daquelle, cruel, que os molestar!".

Gomes Leal.

O ALPHABETO DE UMA MULHER

Serei—

Amavel sempre,
Bonita quanto possivel,
Cuidadosa para com todos,
Diligente no meu trabalho,
Esperançosa a despeito de tudo,
Fiel até o fim,
Generosa para os necessitados,
Honesta,
Inteligente, mas não pedante,
Jovial como um passarinho,
K—ri—do—sa, (Caridosa)
Longanima com os estupidos,
Misericordiosa por amor dos outros,
Nobre tanto quanto puder,
Optimista ainda que os céus desabem,
Prudente nos prazeres,
Querida por todos,
Respeitavel,
Sincera sempre,
Tolerante com as fraquezas alheias,
Util,
Virtuosa,
W }
X } Ausente quando não posso servir.
Y }
Zelosa.
E agora, se eu não me tornar anjo, não sei porque.

UM PASTORZINHO FIEL

Hans era um pobre pastorzinho que morava na Allemanha. Um dia estava elle guardando o rebanho, quando viu approximar-se um caçador.

"Quantas leguas dista daqui a villa mais proxima, meu pequeno?" perguntou-lhe o caçador.

Tres léguas, meu senhor," respondeu Hans. "Mas o caminho é apenas uma picada aberta pelos rebanhos e o senhor poderá facilmente perder-se".

"Se quizeres mostrar-me o caminho, pagar-te-hei bem," tornou o caçador.

Hans sacudiu a cabeça negativamente. "Não posso deixar o rebanho, senhor. Elle perder-se-ha na matta e os lobos o devorarão."

"Mas se uma ou duas ovelhas forem devoradas pelos lobos pagar-te-hei o prejuizo. Dar-te-hei mais dinheiro do que aquelle que ganhas durante um anno."

"Sinto muito mas não posso fazer o que me pede," disse Hans. "Este rebanho é do meu patrão. Se se perder uma ovelha a culpa será minha."

"Então, se não podes mostrar-me o caminho ao menos poderás arranjar-me um guia? Ficarei aqui tomando conta do rebanho enquanto vaes procurar um homem que me leve á villa."

"Não," disse Hans. "Não posso fazer isso. O rebanho não conhece sua voz — e —"

"Não confias em mim?" perguntou o caçador.

"Não", respondeu Hans. "O senhor

tentou fazer-me quebrar a palavra que dei a meu patrão. Como poderei acreditar que cumprirá a sua?"

O caçador riu-se. "Tens razão", disse. "Eu gostaria de confiar em meus servos assim como teu patrão confia em ti. Mostra-me o caminho. Vou tentar chegar á villa por mim mesmo, sem ajuda de ninguém."

Mas naquelle instante alguns homens saíram da matta e ao depararem com o caçador, deram gritos de alegria.

"Oh, senhor! Pensavamos que vos houvesseis perdido!"

E só então Hans comprehendeu, para sua grande surpresa, que aquelle caçador era um principe. E temendo ser castigado, encolhia-se todo dentro da roupa. Mas o principe sorriu-lhe e louvou-o aos recém-chegados.

Poucos dias depois veio um creado da parte do principe e levou Hans para o palacio.

"Hans", disse o principe, "quero que deixes teu rebanho e venhas servir-me. Sei que és um menino em quem posso confiar."

Hans ficou muito contente de sua boa fortuna mas respondeu, "Se meu patrão achar outro menino que tome o meu lugar, de bom grado virei servi-lo neste palacio."

E Hans voltou para o rebanho e guardou-o até que seu patrão achasse outro pastorzinho. E após isso voltou para o palacio, onde serviu o principe por muitos e muitos annos.

QUE FOI FEITO DO GATINHO?

"Que foi feito do gatinho que você tinha quando vim aqui, da outra vez?" perguntou d. Olga á galante Lila.

"Pois a senhora não sabe? interrogou Lila, surprehendida.

"Não, não sei de nada. Foi envenenado?"

"Não", respondeu Lila.

"Afogou-se?", perguntou d. Olga.

"Oh! Não!"

"Roubaram-no?"

"Tambem não!"

"Machucaram-no então..."

"Não, senhora".

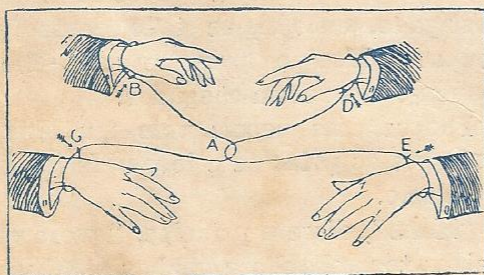
"Então não sei. Não posso adivinhar. Conte-me o que foi feito do pobre bichaninho..."

"Ora! Elle virou gato", respondeu Lila com a maior naturalidade.

BRINQUEDOS E JÓGOS

ALGEMAS DE... BARBANTE

É este um brinquedo muito divertido e simples, que só requer dois pedaços de barbante de um metro cada um. Duas pessoas amarram os pulsos com os pedaços de barbante, como mostra a figura. O que ha a fazer é livrar-se uma pessoa da outra, sem contudo arreben-tar o barbante. Se as pessoas assim ligadas não conhecerem o brinquedo, debalde tentarão desvencilhar-se do laço.



O segredo é o seguinte: segure o bar-bante no ponto A, faça uma laçada e passe-a na direcção da flecha por dentro da laçada no pulso, em B, passando-a, em seguida, por cima da mão. Feito isso, hão de ver que os prisioneiros ficarão livres. A laçada em A pôde ser passa-da pela laçada do pulso, em C, depois, sobre a propria mão e o resultado será o mesmo. Ou fazendo as laçadas em ou-tro barbante, pôde-se passá-las pelas laçadas do pulso em D, ou E, e depois por cima das mãos respectivas. Em realizar este brinquedo, deverão ter o maximo cuidado em seguir a direcção das flechas. Do contrario, a libertação não se effectuará.

O ESCONDE-NÃO-ESCONDE

Tira-se a sorte para ver qual é a cre-ança que se deve ir esconder. A creança sorteada, sem sair do circulo, pensa no

logar onde poderia estar escondida... em imaginação. Quando o achar, gri-tará, "Prompto!" e as outras crean-ças começarão a adivinhar, mencionando lugar após lugar até que acertem.

Neste brinquedo o lugar do escondido pôde ser qualquer ponto do globo: uma rua em Paris ou o pico de Itatyaya.

Cada creança poderá fazer pergun-tas quanto á proximidade e á nature-za do esconderijo. Mas ao "escondido" só é permittido responder "sim" ou "não". Os perguntadores devem fa-zer perguntas de modo que as respostas elucidem o esconderijo. Por exemplo, perguntarão si é longe ou perto, feio ou bonito, alto ou baixo, e assim por deante.

TRATOS A' BOLA...

Que é que é mais baixo com cabeça do que sem ella?

Travesseiro.

Em que se parecem os dentes aos verbos?

Ha dentes e verbos regulares, irregu-lares e defectivos.

Qual é a palavra de oito letras, da qual tirando quatro, ainda ficam *oito*?
Biscoito.

Que é que apparece duas vezes em ca-da momento e uma só vez em mil annos?

A letra M.

Mencionem três coisas que nunca usam os dentes com o fim de comer.

Alho, pente e serra.